

Byung-Chul Han e a hipercomunicação

Carolina Terra, Carlos Eduardo Souza Aguiar, Michelle Prazeres e Rodrigo Daniel Sanches

Contemplatividades: diálogos entre a Comunicação e a Filosofia

Marli dos Santos

Faculdade Cásper Líbero
<msantos@casperlibero.edu.br>

A obra¹ organizada por Carolina Terra, Carlos Eduardo Souza Aguiar, Michelle Prazeres e Rodrigo Daniel Sanches, lançada em 2022 pela Editora Paulus, de São Paulo, é a materialização de um desejo e uma motivação comum dos pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Comunicação na Contemporaneidade (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero: propor reflexões sobre o filósofo coreano Byung-Chul Han em diálogo com a comunicação. As referências ao autor já aconteciam naturalmente em sala de aula, nas leituras mais recentes dos docentes e discentes, nas questões colocadas no ambiente acadêmico. Como observadora privilegiada desse processo, pude testemunhar algumas das reuniões que resultaram em um evento de dois dias, “Diálogos Emergentes na Comunicação: A contribuição da obra de Byung-Chul Han”, realizado nos dias 22 e 23 de junho de 2022, transmitido pelo canal do YouTube da Cásper Líbero². Posteriormente, a expectativa de ampliar o debate e materializá-lo em livro, abrindo espaço para outros pesquisadores da Comunicação, culminou na obra que aqui é o nosso tema.

Para contextualizar a concepção da obra inspirada no filósofo, abordamos aqui também alguns pontos em comum da trajetória intelectual dos organizadores, que também são autores de capítulos no livro. As trajetórias individuais levaram à conexão já explicitada no parágrafo anterior, no âmbito do PPGCOM da Cásper, como *locus* de reflexão de pesquisadora/es – daí a importância da pós-graduação *stricto sensu* nas universidades e demais IES, lugar de gestações múltiplas do pensamento crítico – no caso dos organizadores desta obra – no campo da Comunicação.

O quarteto que assina a organização do livro também possui em comum a formação em Comunicação: Carolina Frazon Terra é relações públicas, assim como Carlos Eduardo Souza Aguiar; Michelle Prazeres é jornalista e Rodrigo Daniel Sanches, publicitário. Cada qual, posteriormente, se guiou por caminhos que os levaram ao ensino e à pesquisa.

1 TERRA, Carolina Frazon; AGUIAR, Carlos Eduardo Souza; PRAZERES, Michelle; SANCHES, Rodrigo Daniel (Orgs). **Byung-Chul Han e a hipercomunicação**. São Paulo: Paulus, 2022.

2 Os vídeos sobre o evento estão disponíveis no canal da Faculdade Cásper Líbero no YouTube, nos seguintes links: https://www.youtube.com/watch?v=t_P7j772Jbc e <https://www.youtube.com/watch?v=YRq7nDV1uCG>

Carolina Frazon Terra se dedicou a aprofundar conhecimentos na Comunicação Organizacional no ambiente digital, e desde 2007 tem desenvolvido estudos sobre esse universo, começando pelos blogs, em 2007 (no mestrado), depois as mídias sociais, em 2011 (no doutorado), e atualmente se dedica às marcas influenciadoras digitais, tendo lançado em 2021 os livros *Marcas influenciadoras digitais: como transformar organizações em produtoras de conteúdo digital* e *Comunicação organizacional: Práticas, desafios e perspectivas digitais*. Sua vivência na profissão também lhe permitiu aproximar sua reflexão da pesquisa de campo, numa perspectiva mais crítica.

Carlos Eduardo Souza Aguiar, além da formação em Relações Públicas, também enveredou pela Filosofia e Ciências Sociais na graduação. No mestrado dedicou-se às Ciências da Comunicação (2010), pela Universidade de São Paulo, mas no doutorado optou pela Sociologia, realizando a sua pesquisa na Universidade de Sorbonne, Paris, em 2015, sobre o imaginário místico nas redes sociais, orientado por Michel Maffesoli.

A jornalista Michelle Prazeres titulóu-se mestre em Comunicação e Semiótica em 2005, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, e doutorou-se em Educação pela Universidade de São Paulo, em 2013. Aprofunda a pesquisa sobre Comunicação, tecnologias e aceleração social do tempo, a partir da reflexão e da ação social, ao ajudar a criar e desenvolver algumas das principais organizações sociais do terceiro setor: é sócia da Ação Educativa, vice-presidente da Cidade Escola Aprendiz, diretora executiva e fundadora do Instituto Desacelera. Também foi a idealizadora do Desacelera SP e criadora e curadora do Dia sem pressa – *Slow day*.

A interface entre Comunicação, Publicidade e Psicologia é o caminho que Rodrigo Daniel Sanches percorreu. Nessa trilha, titulóu-se como mestre pela PUC-SP, em 2007, mas foi no doutorado na Universidade de São Paulo, concluído em 2018, na área de Psicologia, que ele desenvolveu pesquisas sobre a imagem do corpo feminino na mídia, especialmente nas redes sociais, e suas implicações na saúde. Tornou-se conferencista em eventos científicos de comunicação e, também, na área da saúde. É pesquisador do Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O livro *Byung-Chul Han e a hipercomunicação* está organizado em três partes: “Nuances do contemporâneo”, “A alteridade em questão” e “A comunicação em perspectiva”, com cinco artigos cada um, elaborados por diversos autores filiados a Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas. A obra está disponível em formato digital pela Amazon.

“Nuances do contemporâneo”

Integram o conjunto de textos da Parte I, Nuances do contemporâneo, dois textos dos organizadores da obra: Michelle Prazeres e Carlos Eduardo Souza Aguiar. Esse momento inicial de leitura é adensado com as perspectivas trazidas por outros pesquisadores.

A imersão nessa primeira parte nos remete a temáticas prementes no campo da Comunicação. No primeiro texto, Michelle Prazeres, em “Aceleração social do tempo e a

obra de Byung-Chul Han: explorando diálogos possíveis”, discute a relação entre tempo, aceleração e comunicação, visitando os conceitos de Hartmut Rosa (2019) sobre aceleração social do tempo; depois em Han, as ideias sobre tempo, velocidade e aceleração; e, por fim, trazendo algumas concepções sobre a cultura da velocidade e a erosão da comunicação. Ao enfatizar a natureza dialógica da comunicação, trazendo principalmente Paulo Freire, ela articula os conceitos de midiaticização, em Luis Mauro Sá Martino, e de bios midiático, em Muniz Sodré, para se referir à ambiência midiática e digital na qual as sociedades estão imersas. É nessa ambiência que a velocidade do tempo se acelera tornando a “comunicação-código nas redes sociotécnicas”, longe do que se possa qualificar como comunicação humana, ou melhor, relacionada com a “atividade humana do diálogo”. A autora finaliza a sua reflexão propondo assumir dois movimentos: as “microrresistências” construídas nos “micromundos” presentes da vida contemplativa – que devem ocupar os espaços-tempo; e a dimensão ético-política na pesquisa em comunicação para desvendar os sistemas digitais, de “maneira redescritiva, crítica e criativa numa perspectiva de autoquestionamento”.

O texto trazido por Angélica Caniello, “A Violência simbólica na sociedade narcísica”, aborda a violência simbólica positiva e a fragilização da ética e moral. Trazendo alguns conceitos de Han em “Topologia da violência” (2017), a autora analisa que as mudanças dos valores morais e éticos na sociedade contemporânea estão associadas a um tipo de “violência da positividade” em que os sujeitos não diferenciam “liberdade de coação”, e ficam subservientes à superprodução e a supercomunicação. Dessa forma, Caniello reflete sobre a sociedade capitalista, o consumismo, o hedonismo e o individualismo que entranham e orientam a sociabilidade contemporânea, ignorando a alteridade, e fragilizando o modelo de moralidade, ou mesmo, transformando-o. A busca pelos prazeres imediatos substitui a busca pelo sentido da vida, como o respeito ao Outro, à vida, ao meio ambiente, à diversidade e à coletividade, embora façam parte do repertório de valores anunciados pelo capital.

Em “A questão tecnologia em Byung-Chul”, Carlos Eduardo Souza Aguiar traz a essencialidade da tecnologia na obra de Han, destacando como a tecnologia provoca a liberação das energias do sujeito, da natureza, e usa-as como matéria-prima, convertendo-as em mero recursos. É o que acontece quando geramos dados nas plataformas digitais. O autor também apresenta o exemplo de um rio, que apesar das águas para suprir a sede e das inspirações poéticas possíveis, torna-se energia para as hidrelétricas. Da mesma forma, a humanidade acabou dominada pela tecnologia: de promessa de liberdade à ferramenta de opressão. Para Michel Maffesoli (2010), citado pelo autor, o efeito da modernidade foi a “devastação do mundo e dos espíritos”. Como superar essa armadilha? Negando ou simplesmente aceitando essa condição? Aguiar menciona Heidegger para apontar para uma saída: enquanto pensarmos em fugir da técnica ou consagrá-la, ignorando seus perigos, não vamos chegar a lugar nenhum. A alternativa é buscar a essência da tecnologia, refletir sobre ela para nos aproximarmos e nos afastarmos dela. Devemos oferecer resistência à tecnologia, mas não negá-la. Esse é o caminho da revitalização da vida contemplativa, como diz Han. É a contemplação como movimento crítico à tecnologia e não como oposição.

Ana Claudia Pompeu Torezan Andreucci, Michelle Asato Junqueira e Maria Rita Mazzucatto, por sua vez, discutem dois fenômenos relacionados a crianças e adolescentes: o *sharing*, definido como a exposição de crianças e adolescentes nas redes sociais, e *oversharing*, a exacerbação dessa exposição. As autoras utilizam as duas obras de Han, *Sociedade do Cansaço* (2017) e *Sociedade da Transparência* (2016), como referências para analisar os dois fenômenos. Antes, fazem uma revisão sobre os direitos das crianças e adolescentes. O excesso de exposição dos filhos é exemplificado em dois casos trazidos pelas autoras, mostrando exatamente o que Han define como *Sociedade do Cansaço* (2017), ou seja, a sociedade do desempenho, do produtivismo e da superexposição, baseada no conceito de supercomunicação ou hipercomunicação. As autoras ainda destacam os conceitos de Han sobre o excesso de positividade nas redes e a ausência da alteridade, o que nos leva ao excesso da transparência. O reforço é constante ao que é positivo, levando à “violência da positividade”, abordada com mais profundidade no artigo de Angelica Caniello.

O último artigo da Parte I, “Byung-Chul Han e o contexto da era digital: um olhar sobre o filme *Ela*”, de Fábio Amorim e Jamer Guterres de Mello, tem como objetivo discutir o amor romântico no contexto da tecnologia e do capitalismo contemporâneo. Os autores identificam que a ideia de romantismo que prevaleceu na modernidade é a do amor como promessa de felicidade eterna. Essa ideia do amor como sucesso, como felicidade eterna, foi amplamente reforçada no cinema e na literatura. Diferentemente, os autores classificam o filme “*Ela*” como uma produção cinematográfica que foge a essa solução, colocando em xeque a ideia de sucesso e fracasso e de amor eterno. A concepção de felicidade também passa pelo tempo, e, portanto, o tédio é necessário para que, em busca da felicidade, os sujeitos possam entrar em contato consigo mesmos, evitando estressar o cérebro com a superprodução e a supercomunicação. Ao final, concluem os autores, “*Ela*” é uma história de amor em tempos digitais, mas é, sobretudo, uma revitalização da vida contemplativa...”.

“A alteridade em questão”

Na segunda parte do livro, “A alteridade em questão”, os cinco artigos têm em comum a discussão sobre o Outro. Refletem sobre a negação do Outro pelo excesso de positividade na sociedade contemporânea e o enclausuramento dos sujeitos que se encontram assujeitados pelo próprio narcisismo. O conjunto dos textos conta com a participação de um dos organizadores do livro, Rodrigo Daniel Sanches.

O autor Pedro Henrique Conceição dos Santos, em seu texto “O Outro e a Comunicação em Byung-Chul Han”, dialoga principalmente com as obras *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas tecnologias de poder* (2018) e *O que é poder?* (2019), que refletem sobre a violência exercida pela positividade e a natureza do poder. O foco da reflexão é a mobilização dos afetos na construção das identidades na contemporaneidade pela via do consumo: a relação com prazer, a “ressignificação dos sentidos das lutas políticas e sociais” pelo capitalismo e o surgimento de consumidores especializados, que predominam no cotidiano. Também destaca “a posição que o Outro ocupa na Comunicação”, em um contexto no qual

o indivíduo e suas (pseudo) liberdades protagonizam as relações sociais. Santos analisa que a sociedade é “cada vez menos dialógica”, porque cada vez mais se ilude pela liberdade inexistente no consumismo. Cerceada em bolhas no ambiente digital, cultiva o narcisismo que não admite a diferença: “O ‘Outro’ não é visto, sentido, ouvido”. Portanto, o autor conclui que o Outro não deve ser entendido como ameaça, e sim como possibilidade de “reencantamento do mundo”.

No texto seguinte, Antonio Souza, em “Evacuar ou devorar o outro: alteridade e comunicação digital na contemporaneidade”, tem como objetivo abordar o Outro e a hipercomunicação nas redes sociais. Parte da ideia de Han (2017) sobre a sociedade narcísica, em que a negatividade da alteridade é substituída pela “positividade do igual”, trazendo a concepção da pornografia no âmbito digital. A pornografia do digital elimina a diferença. “Quando todas as coisas são comparáveis entre si, elas são igualáveis e, assim, consumíveis...”, analisa Souza. Para o autor, o caminho da Comunicação é a poética, na qual é preciso resgatar o estranhamento pelo Outro que arte permite e a imaginação como exercício de distanciamento do eu em direção ao Outro. É o que pode se contrapor à comunicação narcísica. Nesse caminho, propõe devorar o Outro, o diferente, a alteridade, como forma de evitar anulá-lo, evacuá-lo. É a antropofagia de Oswald de Andrade como modelo para redimir a comunicação digital.

Em “Eros e o enigma da alteridade radical: diálogos possíveis entre Byung-Chul Han e Emmanuel Levinas”, Angela Marques e Luis Mauro Sá Martino destacam no pensamento de Han o que o filósofo considera como apagamento do Outro pelo consumismo – uma das formas do capitalismo contemporâneo em eliminar a alteridade de forma que o outro torna-se o si mesmo – um espelho. Dessa forma, Han desconstrói a ideia de poder como posse do outro, estabelecendo um diálogo com Emmanuel Levinas. Levinas, por sua vez, propõe que o “mundo do outro” só pode ser acessível pela “manifestação do rosto”, que não é físico nem verbal, mas que se apresenta como um enigma que nos interroga, nos questiona e nos obriga a assumir a responsabilidade com o Outro – que não pode ser possuído, nem apreendido. Assim, há uma “abertura erótica”, conforme Levinas, um “sair de si, e ir além” por meio da “proximidade e do contato” que “requer uma relação ética e de acolhimento”, não de controle, nem de posse. Para Marques e Martino, o “eros e o enigma do rosto trazem uma diretriz humanizadora e acolhedora para a estrangeiridade do Outro”, o que requer escuta e uma mudança na “experiência de alteridade” vivida na sociedade e mídia contemporâneas.

É também sobre o Outro que Rodrigo Daniel Sanches discute a eliminação da negatividade na “estética do liso”, em seu texto “Paolla Oliveira, Anitta e Jlo: efeitos da estética do liso na formatação da imagem corporal feminina”. O autor traz as reflexões de Lipovetsky e Serroy (2015) e Han (2019), explorando a “estética da magreza” e a “estética do liso”, respectivamente, no corpo feminino, como “enfermidade” do contemporâneo. Parte da análise de condutas de artistas populares na mídia (atrizes e cantoras) para exemplificar como a “estética do liso” e a magreza se tornaram um “imperativo social universal” que elimina toda a negatividade, tornando o corpo feminino consumível. Esse excesso de positividade,

em que não se admite o diverso, a diferença, a oposição, conforma uma imagem feminina onipresente. Sanches mostra lampejos de rompimento com a ditadura do liso e da magreza na “rugosidade” de duas das artistas (Anitta e Paola Oliveira), em contraste com o exemplo de “estética do liso” da atriz Jeniffer Lopes. Em Han, destaca como o filósofo considera a beleza digital como antinatural, na qual toda a negatividade é eliminada. O belo não está no Outro, porque, simplesmente, não há alteridade.

Ao final da segunda parte, Guilherme Sfredo Miorando retoma a concepção do pornográfico ao abordar a estética masculina do liso na hipercomunicação presente no ambiente digital. Em diálogo com o texto de Rodrigo Daniel Sanches, que também aborda a estética do liso no corpo feminino como imagem consumível, Miorando dá destaque ao pornográfico presente na internet “como forma de moldar os corpos e as atitudes sexuais e sexualizadas da sociedade contemporânea”. Destaca a depilação de pelos do corpo masculino, bem como as cirurgias plásticas, as tatuagens, a musculação, como incessantes buscas pela estética do liso, estabelecendo a hegemonia do antinatural, sem diferenciação, no ambiente midiático digital. É a domesticação dos corpos pelo capitalismo e a hipercomunicação, em que “produtor e produto” se mesclam. Assim, o erótico, que requer o mostrar e não mostrar, o encobrir e o descobrir, se transforma no pornográfico, sem enigmas, sem surpresas, especialmente quando focaliza homens gays.

“Comunicação em perspectiva”

Na terceira parte do livro, “A Comunicação em Perspectiva”, participa uma das organizadoras da publicação, Carolina Frazon Terra. O foco das análises se volta à comunicação organizacional, à publicidade, à arte e ao jornalismo, com análises sobre a superexposição de organizações no ambiente digital e como produtos midiáticos e artísticos se conformam e reforçam o “enxame” e a aceleração do tempo, mas também apontam para possibilidades contemplativas.

Carolina Frazon Terra faz uma análise crítica em relação à Comunicação Organizacional e a sua dependência das plataformas digitais, trazendo o mito da caverna de Platão, que Han nomeia de caverna digital. Em “Uma comunicação organizacional digitalizada, plataformizada e refém da visibilidade”, a caverna digital, como no mito original, torna os sujeitos e a comunicação das organizações reféns. É também o próprio capital enredado nele mesmo. A autora relaciona alguns conceitos de Han com a realidade das organizações, como a transparência compulsória (tudo precisa ser mostrado), a exposição 24/7 (das ações dentro e fora das mídias digitais), a visibilidade (avaliada por meio de métricas, *trend topics* nas redes sociais) e a performance otimizada (por meio do engajamento valorizado e hierarquizado: do like ao comentário). “Qual será o preço da visibilidade exacerbada? Do sujeito voltado à performance? Da exposição do privado? Da sociedade do curtir?” São perguntas da pesquisadora que não sabemos responder. Em relação aos públicos de interesse das organizações, a autora também questiona se no contexto contemporâneo teríamos “novos públicos e audiências?”. E reflete a partir da analogia trazida por Han, sobre o “enxame

digital”. O enxame não tem alma, segundo o filósofo, porque, de fato, enxame diz respeito a um excesso que se divide e se amontoa sem crítica, sem afeto e sem respeito à experiência. Certamente os públicos não são os mesmos dos tempos da comunicação de massa.

Em “A pesquisa em comunicação frente ao mundo diagnosticado por Byung-Chul Han”, Patricia Orlando olha para a produção científica, tendo em vista a funcionalização da ciência como “mera acumulação de resultados”. Nessa perspectiva, ela questiona: “ainda há terreno fértil para a pesquisa?” Essa pergunta nasce da reflexão sobre a obsolescência de objetos e metodologias de estudo, especialmente na área da Comunicação, em razão da ultravelocidade que permeia a lógica da sociedade contemporânea, incluindo a ciência. A autora traz intelectuais como Marialva Barbosa, para abordar a epistemologia da comunicação, e Fredric Jameson, para apresentar elementos conceituais sobre a pós-modernidade, pois justifica que Han joga “sementes para discussão”, com análises enxutas que demandam prolongamento. Orlando traz a categoria do tempo como aspecto fundamental para as discussões do contemporâneo, fazendo alusão a Han, que ressalta a necessária “dimensão temporal” para as reflexões teóricas. Após esses diálogos, a autora propõe que é preciso fugir da dispersão e do “liso”, e buscar o “pensamento epistemológico” como ato de resistência à funcionalização da ciência. Fica o desafio de voltar aos rituais, como diz o filósofo sul-coreano, para as articulações necessárias à ciência e à pesquisa.

A publicidade em perspectiva é trazida por Renato Gonçalves Ferreira Filho, em “A publicidade no enxame da informação e da indignação: uma leitura de ‘Tanque vazio, barriga cheia’ (2021), da Rede Burger King”, tomando como referência as obras “*No enxame, perspectiva do digital*” (2018) e “*Infocracia, la digitalización y la crisis de la democracia*” (2022). No texto, o autor faz uma análise da campanha da Burger King, tendo como “hipótese que a publicidade contemporânea tem se valido das dinâmicas do enxame”, tendo em vista as estratégias de dominação, na quais os “afetos e a indignação” são mobilizados. O efeito são os enxames que se formam e se desfazem rapidamente, não provocando processos de conscientização. São movimentos superficiais e efêmeros, “no nível da estética”, como diz Ferreira Filho, colaborando para a manutenção do *status quo*. O efeito de campanhas como a analisada no referido artigo é a visibilidade das organizações, que fazem de tudo para obter a atenção do consumidor (como analisa Terra em seu texto). Vivemos no regime da economia da atenção, que associada aos algoritmos retroalimentam incessantemente “os modelos matemáticos de atuação”.

Para discutir “a produção de sentido e as interações midiáticas na publicidade e nas artes”, Sheila Mihailenko Chaves Magri e João Anzanello Carrascoza vão abordar a “Hifenultura em Byung-Chul Han”, ou seja, a *hifenização cultural*, expressão de Han na obra “*Hipericulturalidade: cultura e globalização*” (2018). Os autores analisam campanhas e exposições de arte realizadas por marcas, museus, institutos e centros culturais brasileiros. O estudo dialoga com a proposta “da criação publicitária como rizoma”, de Carrascoza (2008), e do “pensamento rizomático”, de Deleuze e Guatari (1995), trazido na obra de Han para refletir sobre a hiperultura. A hiperultura, de acordo com o filósofo sul-coreano, é a “justaposição, sem distância, de diferentes formas culturais [...] deslocados de seu

lugar de origem”. (2018). O estudo cria categorias para analisar as campanhas, baseadas nas “hifas”, que são as “hastes subterrâneas” textuais, nas quais há “um excedente de liberdade para diversificar, dialogar, opor, contradizer, conflitar, trazer o duplo, o ambíguo, o ambivalente e o paradoxal”. Portanto, para Magri e Carrascoza, a hifenização cultural é um lugar de resistência porque nessa justaposição se criam “brechas” como “nova práxis libertadora”.

Petronilio Filie Costa Ferreira e Ivan Bonfim discutem “O jornalismo transitório: o *drops* como produto da sociedade do cansaço”, no qual é analisada a efemeridade do jornalismo nas redes sociais, particularmente no Instagram *Stories* do *Estadão* (*O Estado de S. Paulo*). Tendo em vista os conceitos trazidos por Han em “A sociedade do Cansaço”, os autores criam categorias para analisar o denominado “jornalismo transitório”, consumido pelos smartphones, que tem 24 horas de permanência no *stories* do Instagram. O excesso de positividade na sociedade contemporânea e a cobrança compulsiva por resultados resultam no cansaço e na superabundância da informação. Apesar das condições de produção para atender às demandas do contemporâneo e o comportamento do consumidor de notícias nas redes sociais, os autores consideram que “as características basilares do jornalismo” ainda são mantidas no “jornalismo transitório”. A mudança observada está no vínculo do consumidor com a notícia, pois a efemeridade da informação impõe a construção e a renovação de vínculos com o noticiário do *Estadão* diariamente, “em um looping infinito de consumo”.

Contemplatividades

Após a exposição do contexto de concepção da obra *Byung-Chul Han e a hipercomunicação*, do perfil dos organizadores e dos artigos que compõem o livro, podemos considerar que os diálogos entre a Comunicação e a filosofia de Han são efervescentes e inspiradores. Isso porque a produção bibliográfica do filósofo, como dizem Elizabeth Saad e Daniela Oswald Ramos no prefácio do livro, apresenta uma riqueza temática que desafia, com metáforas e hipérboles, o pensamento sobre a contemporaneidade na ambiência digital.

Como pensador do contemporâneo, suas reflexões nos levam a diagnósticos desalentadores e à consciência sobre os descaminhos vividos quando a aceleração do tempo, a midiaticização da vida, a positividade em excesso, a hiperexposição, hiperprodução, hipercomunicação e a hipercultura, prefixos que conotam excesso, impossibilitam a comunicação que humaniza. A ausência da negatividade e a dimensão temporal são aspectos basilares na obra de Han, bastante explorados nas reflexões apresentadas no livro. Mas ele também abre brechas para recuperarmos atos contemplativos e refletirmos sobre essa hiperatividade cotidiana.

Os diálogos de Han com a comunicação nessa obra são consequência da versatilidade do filósofo sul-coreano em tratar de temas do nosso tempo e da percepção de pesquisadores da Comunicação em conectar as suas ideias e concepções sobre a contemporaneidade com as de outros autores, e as próprias, em um movimento interdisciplinar que favorece a abordagem teórica de fenômenos comunicacionais e midiáticos, como os que são apresentados pelos autores aqui apresentados. Como menciona Patricia Orlando, Han muitas vezes lan-

ça “sementes”, que podem e precisam germinar nos diálogos estabelecidos com diversos campos de conhecimento. Seus ensaios nos provocam e nos convocam ao pensamento.

Com a sua atitude filosófica que desconfia das crenças cotidianas e dos valores que atribuímos ao mundo, colocando-se criticamente ao que vivemos na chamada era digital, em um trabalho incessante de reflexão e de questionamento sobre valores e ações, como diz a filósofa Marilena Chauí (SAVIAN FILHO; SOCHA, 2023), Han nos ajuda como teóricos e pesquisadores da Comunicação a formular outros pensamentos, em busca do ato contemplativo, do diálogo, da comunicação humanizada e, por que não, do (re)encantamento do mundo.

Referências bibliográficas

HAN, B-C. **Psicopolítica**: neoliberalismo e novas técnicas de poder. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

HAN, B-C. **O aroma do tempo**: um ensaio filosófico sobre a arte da demora. Lisboa: Relógio d'Água, 2016.

HAN, B-C. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B-C. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B-C. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B-C. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SAVIAN FILHO, J.; SOCHA, E. Entrevista com Marilena Chauí. **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-marilena-chaui/#:~:text=A%20filosofia%20%C3%A9%20uma%20interroga%C3%A7%C3%A3o,compreender%2Dse%20a%20si%20mesma>. Acesso em 20 jun. 2023.

 Data de recebimento: 25/06/2023

Data do aceite: 03/07/2023

Dados do autor:

Marli dos Santos

Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É docente da Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Líder do Grupo de Pesquisa EMANCIPA-JOR – Jornalismo contemporâneo, práticas para emancipação social na cultura tecnológica, ligado à Rede Nacional de Combate à Desinformação – RNCD. Coordenadora do GT Estudos sobre periodismo da ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de Comunicación e Coordenadora do GT Gêneros Jornalísticos, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. É membra da APJOR – Associação Profissão Jornalista.